



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



55

Discurso na solenidade de abertura da câmara de comércio americana

RIO DE JANEIRO, RJ, 12 DE ABRIL DE 1996

Senhor Presidente da Câmara de Comércio Americana, Dr. José Luiz Miranda; Senhor Governador Marcello Alencar, meu amigo, grande Governador do Rio de Janeiro; Senhor Embaixador dos Estados Unidos, Melvin Levitsky; Senhor Presidente do Comitê dos Oitenta Anos da Câmara de Comércio, Félix Bulhões; Senhores Ministros de Estado; Senhor Vice-Governador do Estado do Rio, Luiz Paulo Corrêa da Rocha; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Deputado Sérgio Cabral Filho; Senhores Senadores; Presidente do meu Partido, Senador Artur da Távola; Senhores Deputados; Senhores Presidentes de Confederações, de Associações de Comércio e das Câmaras de Comércio; Senhoras e Senhores Empresários; Senhoras e Senhores;

Como estão vendo, é quase uma reunião de ministério, aqui, com a diferença de que, na reunião de ministério, não há comida depois do discurso: é só discurso e muito trabalho. Mas isso mostra, isso simboliza o apreço, não só meu, pessoal, como Presidente da República, mas do meio político brasileiro àquilo que esta Câmara significa para o Brasil.

Esses oitenta anos de labor profícuo estão, hoje, sendo devidamente reconhecidos por esta presença maciça dos que aqui estão, pela forma de o Governador do Rio, o Presidente da República e tantas pessoas ligadas às decisões na esfera pública virem para uma solenidade no âmbito de uma instituição civil que, como ressaltado aqui, não tem coloração político-partidária, mas, sim, tem posições, definidas, e, muito freqüentemente, essas posições têm coincidido com as do Presidente da República.

Queria dizer que o labor desta Câmara não tem sido em vão, quando olhamos os resultados, aqui já assinalados na presença de numeroso grupo de empresas, no Rio de Janeiro. Há ofertas de empregos diretos e indiretos. Tudo isso mostra a importância desta Câmara.

Mais ainda: esta Câmara, sendo uma câmara brasileiro-americana de comércio, tem hoje vários motivos de júbilo, não apenas a sua idade – proyecta mas ainda vigorosa –, mas, pelo que julgo, em função das modificações que estão ocorrendo nas relações do Brasil com os Estados Unidos, especialmente nas relações comerciais entre esses dois países, dificilmente tivemos, na nossa história, uma fase tão positiva no nosso relacionamento com eles. E o clima de confiança que hoje existe permite dizer que quaisquer problemas que tenhamos que enfrentar nós os enfrentaremos com tranquilidade e, certamente, buscando resultados que sejam satisfatórios para as partes envolvidas.

Isso se expressa, hoje, não apenas no delineamento político de uma futura integração hemisférica, que vai se concretizando aos poucos – ainda agora, teremos, em Belo Horizonte, a reunião dos Ministros de Comércio-, mas também no fato de que houve aumento substancial no intercâmbio entre o Brasil e os Estados Unidos.

Esse aumento, que é bastante sensível hoje, já fez com que o Brasil subisse no *ranking*, no que diz respeito à importância do nosso comércio com os Estados Unidos, que foi bastante acrescido o ano passado. Na verdade, houve um grande superávit comercial, em favor dos Estados Unidos. Isso mostra, mais uma vez, a importância desta Câmara. Precisamos começar a pensar no sentido contrário, ou seja,

de exportar mais para os Estados Unidos, para que possamos equilibrar esse crescente comércio entre o Brasil e os Estados Unidos.

Mas há mais do que isso. Não apenas o comércio é uma expressão desse novo momento, não apenas existe o fato de que hoje estamos vendo, no mundo, a atuação do nosso país, uma atuação que não se limita, embora tenha um eixo muito forte no Mercosul: alguns aqui me acompanharam recentemente à Argentina e viram o quanto a relação do Brasil com a Argentina e o fortalecimento do Mercosul são, hoje, patrimônio comum dos nossos quatro países ligados ao Mercosul e, mais especificamente, do Brasil e da Argentina. Além disso, estão vendo também a orientação do Brasil como um país que se mostra fiel à sua circunstância geográfica, aspirando a uma participação crescente nas relações hemisféricas, mais aberto a um diálogo franco, a um diálogo político, mas também a um diálogo que tem implicações econômicas com a Europa e com a Ásia.

Ora, nesse contexto todo, é essencial que mantenhamos a nossa capacidade de renovação, como aqui já foi dito, e dito muito expressivamente, pelos ilustres empresários que me antecederam. Ora, essa renovação requer investimento, requer tecnologias novas, requer – e isso foi ressaltado também – mudança de mentalidade, uma espécie de mutação cultural.

Pois bem, alegra-me verificar que, efetivamente, além do aumento do nosso comércio, nós temos sentido um aumento sensível do investimento direto no Brasil. Eu ainda perguntava ao Dr. Bulhões, há poucos minutos, se a estimativa aqui apresentada, nesse folheto da Câmara do Comércio, de investimento da ordem de 5 bilhões de dólares para este ano era realística, e ele me disse que ela é ainda moderada, pessimista, provavelmente será muito maior; e deu alguns exemplos, que prefiro não citar agora, aqui, de aumentos de investimentos que são, realmente, sensíveis.

Acredito neste momento novo, que tem a ver com as transformações que estão sendo realizadas no Brasil; que tem a ver com o fato de que somos, hoje, um país inserido num pedaço do continente que é de paz e de democracia; que tem a ver com o fato de que a cidadania está

se formando crescentemente, tomando consciência dos seus interesses e, portanto, podendo optar – porque a verdadeira liberdade implica informação e implica consciência –, para que se possa tomar decisões; tem a ver, portanto, com uma modificação que atinge a estrutura da sociedade brasileira. Acredito que esse fato todo, hoje, está sendo expresso pelo dinamismo da nossa economia.

Talvez, dada a preocupação, que tem sido tão obsessiva, de todos nós, com o controle da inflação – e que, apraz-me dizer, estamos conseguindo –, isto hoje já seja sensível: que, realmente, o Governo tem empenho muito forte e não vai temer quaisquer decisões que tenham que ser tomadas para que mantenhamos a inflação sob controle. Essa preocupação quase obsessiva com a inflação muitas vezes obscurece o outro lado da medalha – ou os outros lados da medalha: a medalha aqui não tem só dois lados. Estamos assistindo a uma verdadeira transformação estrutural do sistema produtivo brasileiro e sua integração no novo mundo. Isso é que vai dar o horizonte. A estabilização da moeda é a precondição. O combate ao déficit entra nessa precondição; senão, não haveria estabilização da moeda.

As reformas já começam a ser parte dessa modificação mais profunda, reformas pelas quais tenho lutado com muito empenho e muito afinco. Continuarei lutando. Já disse outro dia, em Buenos Aires, e repito aqui também: não estou disposto a ceder. Ou se faz o que é necessário ou não se faça nada. Assumam as responsabilidades.

Acho que negociação é necessária, é democrática. Mas a persistência, em setores minoritários – às vezes, dentro das próprias forças do Governo –, em buscar soluções que não têm acolhida na maioria não pode ser encarada como uma negociação democrática, senão como uma sabotagem sistemática da vontade do País. E não podemos concordar com isso.

Continuarei empenhado nas reformas, sobretudo agora que vem a reforma administrativa, além da previdenciária e da reforma tributária. Não vou esquecer nunca a reforma educacional que o Congresso está fazendo. Tenho sentido o Congresso afinado, atento e em sintonia com a vontade do País. Quando se leva ao voto, ganha-se. É

preciso levar ao voto matérias que sejam satisfatórias para a opinião pública, para o País. Quando se leva ao voto se ganha porque a maioria do Congresso respalda. É muito mais uma guerra de guerrilha do que uma luta franca de opiniões.

Então, acredito que essas reformas são importantes e estarei empenhado nelas. Elas fazem parte, como eu dizia, desse processo já de transformação mais estrutural.

Mas há mais do que isso. Nós estamos mudando o patamar da produção brasileira. O que está acontecendo, agora, com o setor automobilístico, não é simplesmente reproduzir o mesmo: é mudar a qualidade do que se produz; o mesmo empenho estamos tendo no setor da petroquímica – e o Rio de Janeiro fará parte desse empenho. Da mesma maneira estamos assistindo a outros setores como papel e celulose, para dar apenas alguns exemplos de que as transformações são de setores produtivos que entenderam a necessidade da competição, que entenderam que é necessário optar –, e o Brasil tem que optar, tem que se especializar em certos produtos fundamentais para os quais temos vantagens; e tem que se abrir à competição internacional.

Nós dobraramos o nosso comércio exterior em quatro anos: de 50 passou a 100 bilhões de reais ou de dólares – nos dois sentidos.

Isso ainda é muito pouco; vamos aumentá-lo muito mais. E não será com restrições tópicas, para favorecer eventualmente um pequeno grupo, que se há de permitir que o Brasil dê um salto. Claro que o Governo estará atento às necessidades específicas de certos setores, na sua reconversão para as condições de competição, mas nunca pagando o preço de fechar de novo a economia, o que seria um grave risco, teria como conseqüência o atraso, e quem vai pagar isso é o povo – embora muitas vezes não perceba que está pagando um preço muito elevado, acaba pagando, porque, se não houver avanço de produtividade, se não houver capacidade efetiva de agregar valor, não vai haver riqueza e, não havendo riqueza, não há o que distribuir.

Então, o caminho está traçado para um Brasil diferente, mais produtivo, mais aberto, com capacidade de competir, sem temor de enfrentar dificuldades; um país que, portanto, pode ser confiante em

si mesmo, porque já tem as condições, já estão dadas as condições iniciais para esse salto. E esse salto vai requerer, sim, aumento da poupança interna. A poupança externa é fundamental, ela acrescenta, ela é um *plus*, mas não resolve. Vai se requerer, sim, um aumento da poupança interna. Estamos começando uma retomada de poupança que permita uma retomada de investimento, ainda muito tímida, e isso requer que o setor público tenha consciência do seu papel e possa voltar, também, a ter alguma poupança.

Portanto, vamos precisar não é de equilíbrio fiscal: é de superávit no orçamento, superávit primário no orçamento, custe o que custar. Ontem, eu estive reunido com os ministros da área econômica e a decisão foi esta: este ano, vamos ter – precisamos ter – entre 2% e 2,5% do PIB de superávit primário. Quanto custa isso veremos depois. A decisão é essa, e vamos ajustar as outras variáveis para que se obtenha esse resultado, para que todos sintam que estamos com o rumo definido.

Esse rumo está embasado em uma mudança estrutural. Nós temos competência, temos empresários, temos trabalhadores, temos capacidade negociadora, temos um Congresso e temos decisão política de avançar nesse rumo, que é essencial.

Mas avançar para quê? Para que possamos ter mais brilho nas nossas estatísticas internacionais? Não! É para melhorar a condição concreta de vida do povo brasileiro. E isso requer ainda maior esforço do setor público e do setor privado, porque temos que ter excedente e gastar bem o que tivermos como excedente; aplicar onde esse dinheiro se multiplica, prestar atenção à questão do campo no Brasil, à questão da produção agrícola no Brasil, financiar de forma adequada, enfrentar as dificuldades, quaisquer que elas sejam.

Eu me alegro de dizer-lhes que, até hoje, o Governo não temeu enfrentar os problemas existentes. Enfrentamos o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, os bancos privados, a questão do álcool – todos os esqueletos que estavam em gavetas –, desengavetando tudo. E alguns pensam que o fantasma somos nós. Estão enganados. *De te fa-*

bula narratur – estamos contando a história dos outros, a história de um passado que não teve a coragem de fazer o que o Brasil de hoje está fazendo, ou não teve as condições, talvez.

Vamos seguir enfrentando tudo com tranqüilidade, com calma, sem precipitações, sem permitir que a demagogia substitua a investigação consciente e a solução necessária; sem ceder a eventuais rumores ou manchetes, ou o que seja, porque estamos com convicção de que o caminho é esse e que esse caminho tem apoio na sociedade, no País, na vontade do País.

Vejo, hoje, aqui, essa presença tão maciça de empresários para comemorar esses 80 anos da Câmara; e que, nas palavras que foram ditas, essa vontade está aqui, também presente.

Queria finalizar, para não falar demais (porque alguns têm fome e eu também), dizendo o seguinte: nada mais simbólico desse novo Brasil do que o sentimento que se vê, hoje, no Rio de Janeiro; do que o fato de que, quando se fala na necessidade de um apoio específico ao Rio de Janeiro, isso encontra imediatamente, no calor do aplauso, a consagração de uma vontade.

O Governador Marcello Alencar, que tem sido um governador combativo pelo seu Estado, tem sido um companheiro, sabe que o que o Presidente da República disse que ia fazer está fazendo. Vejo, de vez em quando, referência ao porto de Sepetiba. Não se preocupem. O recurso que eu disse que daria ao porto de Sepetiba eu darei. Darei, assim como já demos ao metrô do Rio de Janeiro, assim como faremos o Pólo Gás-Químico do Rio de Janeiro – não haja dúvida a respeito dessa matéria –, assim como os investimentos estão vindo para o Rio de Janeiro. E isso porque o Rio de Janeiro é simbólico do Brasil, eu disse alguma vez, é o farol do Brasil.

E o Brasil todo precisa voltar a confiar em si, e está voltando. E, no momento em que o Rio, como está acontecendo, voltar a ser a cidade que sempre foi – uma cidade capaz de sorrir e até mesmo de rir de si própria, como costumamos, nós, cariocas, rir de nós próprios, porque somos seguros de que fomos abençoados por termos nascido aqui –, no momento em que ocorrer isso com maior tranqüili-

dade no Rio de Janeiro, não tenham dúvida nenhuma, será o termômetro de um Brasil que se renovou.

Espero que em outras ocasiões nós nos encontremos, ou aqui nessa Câmara, ou onde seja, com este mesmo espírito, o mesmo espírito de uma Câmara que comemora 80 anos com esta energia e com esta vontade de continuar caminhando para frente.

Muito obrigado aos senhores.